

Pronunciamento*.

Goffredo Telles Junior

Catedrático de Introdução à Ciência do Direito
na Faculdade de Direito da Universidade de
São Paulo.

Senhor Diretor, Senhores Professôres.

Parece-me que é chegada a hora de um cuidadoso exame de consciência.

Quero que meus eminentes Colegas me perdoem a petulância desta sugestão. Apresso-me a dizer que não me exclúo do rol daqueles a quem ela é dirigida.

Na luta política, as vaidades, às vêzes, se exacerbam, e somos levados, desprevenidamente, a super-estimar as nossas próprias idéias e a denegrir as idéias que nos são contrárias. Sem querer, erigimo-nos em oráculos do verdadeiro. Depois, superado o momento crítico da batalha, verificamos os danos a que nosso orgulho deu causa. Então é que se torna propício um exame de consciência. E fâcilmente nos convenceremos de que melhor teria sido *respeitar* a opinião dos que não pensam como nós.

O Professor MIGUEL REALE, na última Congregação, se referiu à “*quadra sombria*” por que passa, atualmente, a Faculdade de Direito, e manifestou seu grande desejo de ver restabelecido o clima de compreensão, que aqui sempre reinou.

* Lido na Congregação dos Professôres da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, aos 13 de fevereiro de 1969.

Foi precisamente para me manifestar sôbre a urgente necessidade de compreensão, que ousei solicitar, de nosso Diretor, a Congregação que ora se realiza.

Peço venia para dizer o que penso a êste respeito, em breves e incisivas palavras.

Estou convencido, Senhores Professôres, de que o clima de compreensão requer reciprocidade de tratamento. Não haverá clima de compreensão enquanto a compreensão só fôr exigida de alguns e não de todos. Não haverá clima de compreensão enquanto compreensão for entendida como abdicação forçada das idéias de uns, para aceitação forçada das idéias que outros proclamaram como verdadeiras.

Não haverá clima de compreensão enquanto houver donos da verdade.

Compreensão não significa, evidentemente, *aceitação* das idéias alheias. Significa *respeito* pelas idéias alheias.

Respeito pelas idéias alheias! Eis o que não tem sobejado em nosso meio.

Penso que não exagero quando faço esta afirmativa. Penso não estar anunciando nada de novo. A luta extremou os partidos. As posições se radicalizaram. E alguns de nós, se não me engano, nem sempre se contiveram dentro dos limites da prudência e do razoável.

Houve acusações de lado a lado. Uns foram chamados de subversivos e de desordeiros. Os outros, de balautes empedernidos da reação. As duas acusações são falsas. Todos nós, o que queremos, em verdade, é uma só coisa: a renovação e o progresso da velha Academia.

O essencial, agora, é que façamos um supremo e sincero esforço para nos vencermos a nós mesmos, para vencermos, em nós, as teimosias da vaidade, e que reimplantemos, nesta Congregação, o regimem do respeito pelas idéias alheias.

Na Congregação, bem sabemos, não haverá sempre acôrdo sôbre todos os assuntos. Nada mais natural do que isto. Em consequência, o que devemos fazer é discutir amplamente as matérias, neste livre plenário, e, depois, livremente votar. Mas não nos hostilizemos pelo fato de haver quem não pense como nós.

O que torna “sombrio” o ambiente em qualquer congregação de homens livres não é, certamente, a divergência e o choque das idéias, mas, sim, a intolerância, a intransigência, a vaidade dos que se julgam a própria encarnação da verdade.

Não permitamos que se apodere de nós a mentalidade, rasteira e mesquinha, dos vingativos e dos perseguidores. Não fiquemos a procurar motivos para prejudicar os que não concordam com nossa política. Não nos deixemos dominar pela mania punitiva.

Muito prejudiciais são os atos determinados pela radicalização das posições. Muito prejudiciais, também, os atos determinados por quaisquer outros motivos, mas que têm a *aparência* de serem efeitos dessa radicalização. Muito prejudiciais são os atos que atingem e ferem precisamente aquêles que não comungaram nas nossas idéias. Tais atos não aproveitam ao programa do desarmamento dos espíritos. O que acontece é que êsses atos jamais são esquecidos. Permanecem bem vivos, na memória dos que são por êles atingidos. Vão se somando uns aos outros, provocando uma acumulação crescente de descontentamentos, até criar um clima de indignação e de revolta, que é exatamente o clima que detestamos.

E não nos devemos esquecer de que êsse clima de indignação e de revolta, se, por hipótese, fôsse instalado nesta Congregação, não poderia mais, por fôrça das circunstâncias criadas pela própria crise estudantil, ficar restrito a esta sala, e tenderia, forçosamente, a provocar, no seio de tôda a Universidade, desde o corpo discente até o Conselho Universitário, um movimento geral de repulsa contra perseguidores e vingativos.

Parece-me oportuno lembrar que o respeito pelas idéias alheias não existe enquanto se limita a declarações verbais. Respeito não é somente palavra, vocábulo. Respeito não é somente promessa. Respeito é ato, é ação. Esta é a razão pela qual não ha possibilidade de respeito pelas idéias alheias em regimem de represálias, ou em regimem de temor a represálias. Não há possibilidade de respeito pelas idéias alheias em regimem que tenha por lema: “Para os amigos, tudo; para os adversários, a lei”.

Todo ato que revele um tal regimem deve ser denunciado, imediatamente, como ato de natureza fascista, que ninguém está disposto a tolerar.

Creio que todos nós concordamos, plenamente, com o que acabo de dizer.

Mas, Senhores Professôres, o que desejo acrescentar, com ênfase, a estas afirmações, é que não há possibilidade de respeito pelas idéias alheias e de conseqüente clima de compreensão, em regimem no qual se atribuem, aos adversários, idéias que êles nunca sustentaram, e se lhes imputam atividades que nunca tiveram.

Com um real sentimento de tristeza, para não dizer de repugnância, venho acusar êste crime contra o pensamento, que está sendo praticado, em larga escala, com leviandade e perseverança, em diversos setôres desta Faculdade.

Tenho sido vítima de tal atentado. Fui tachado de marxista, comunista, ativista. Fui acusado de fomentador da desordem. Houve quem me culpasse de organizar células subversivas. Cheguei a ser apontado como *pivot* da cisão em nossa grei.

Seja-me permitido confessar que há, em mim, um profundo sentimento de respeito, uma velha e imensa gratidão pelos grandes mestres desta Casa. Não posso permitir que perdure, no espírito de meus eminentes Professôres, a mais leve dúvida, a mais leve inquietação

sôbre o que sou e sôbre o que faço. Não posso permitir que deslavadas mentiras prevaleçam sôbre o que verdadeiramente penso e sôbre o que verdadeiramente pretendo.

Não quero que êste pronunciamento contenha uma só expressão apaixonada. Sufoco, dentro de mim, o ímpeto de revelar aqui os motivos secretos da campanha que vem sendo movida contra minha pessoa, assim como os nomes dos veneníparos que a fomentam. A sabedoria da Congregação dará às acusações de que sou alvo, e a seus inventores, o qualificativo que merecem.

Aí está minha vida. Aí estão meus livros. Luz de meridiana clareza revela os passos de minha singela existência. O que fiz de bom e o que fiz de máu, todos o sabem. Nada tenho de oculto.

Que extranha impressão me causa a necessidade de vir eu perante Vossas Excelências para proclamar: “Não sou marxista, não sou comunista”! Quem não conhece o invariável sentido de tôdas as minhas campanhas políticas? Como posso eu ser marxista e comunista, se minhas idéias são as que acabam de ser expostas em meus dois últimos livros? Como posso eu ser marxista ou comunista se acabo de proferir, no Curso de Especialização, uma longa série de aulas sôbre o Estado Socialista, nas quais mostrei, em análise minuciosa, os motivos doutrinários de minha oposição às instituições soviéticas?

Devo dizer, a bem da exatidão, que meu anti-marxismo, meu anti-comunismo não é, certamente, a atitude cômoda de quem se deixou envolver pelos laços do capitalismo, e seduzir pelas indolências da mentalidade burguesa. Não sou anti-comunista porque goste da vida burguesa ou porque seja mandatário de capitalistas.

Embora ligado por laços antigos à burguesia e ao capitalismo de meu País, sou contra o sistema capitalista e burguês. Nesse ponto, continuo na posição em que sempre estive, desde a minha juventude. Continuo na

posição que me foi inspirada pela *Rerum Novarum* e pela *Quadragesimo Anno* e que, agora, foi revalorizada pela *Mater et Magistra*, pela *Pacem in Terris* e pela *Populorum Progressio*. Continuo na posição que foi a de MIGUEL REALE, em seus livros *A Formação da Política Burguesa* e o *Capitalismo Internacional*. Na posição que foi a de ALFREDO BUZÁID. Não se veja, portanto, no meu anti-capitalismo, na minha oposição ao espírito burguês, nenhuma novidade.

Não sou marxista, nem comunista, por duas ordens de motivos: motivos de ordem filosófica e motivos de ordem política.

Nada me seria mais fácil do que expor, de um em um, numa ordem rigorosa, todos êsses motivos. Não o farei agora, evidentemente, porque êste não é o momento para uma tal dissertação.

Direi, apenas, que meu pensamento me conduz a paragens cada vez mais distantes do marxismo. Hoje creio que não tenho dúvidas de que é falsa a separação, feita pelo Materialismo Dialético, entre matéria e consciência. A Física moderna já quasi me autoriza a afirmar que *tudo é vivo*. Depois dos trabalhos de OPARIN, HALDANE, STANLEY MILLER, CALVIN, PONNAMPERUNA, SAGÁN. SCHRAMM, JAMES WATSON; depois das recentes descobertas de ROBERT BRUCE MERRIFIELD e BERND GUITE, da Universidade Rockefeller de Nova York, e de ROBERT DENKEWALTER e RALPH HIRSCHMANN do Laboratorio Merk Sharp & Dhome de Nova Jersey, vai ficando difícil a distinção entre corpos vivos e corpos não vivos. Vejo confirmar-se a milenar tese bramânica. Tudo na natureza parece estar vivo. Desde sempre, a vida parece mover-se no âmago da matéria. E se tudo é vivo, toma importância extraordinária a hipótese, formulada por BERGSON, de que o Universo total progride, quem sabe, à maneira de uma consciência (*A Evolução Criadora*, Cap. I).

TEILHARD DE CHARDIN, sarcedote e paleontólogo, num texto célebre, escreveu: “Não procuro definir o que é Espírito nem o que é Matéria. Digo tão somente, sem abandonar o terreno da física, que a maior das descobertas feitas pelo nosso século é provavelmente o haver reconhecido que a marcha do Tempo deve ser medida principalmente por uma aglomeração gradual da Matéria em escalões sobrepostos, cuja composição, cada vez mais rica e mais centrada, se auréola de uma franja sempre mais luminosa de liberdade e interioridade. Os fenômenos da consciência crescem sobre a Terra em razão direta de uma organização cada vez mais avançada dos elementos” (*O Futuro do Homem*, pags. 89 a 91).

Aliás, já na segunda década deste Século, SHRI AUROBINDO assinalava que “era singularmente significativa a orientação da ciência em direção de um monismo que é compatível com a multiplicidade”. “Quando estivermos curados”, escreve AUROBINDO, da ignorância separadora, que nos faz sentir um abismo entre a Vida e a Matéria, é difícil supor que o Mental, a Vida e a Matéria não se apresentem senão como uma só e única Energia, exprimindo-se em três formas” (*A Vida Divina*, I, Cap. II).

A “ignorância separadora”, a que se refere AUROBINDO, será curada no dia em que os cientistas redescobrirem a chave do conhecimento extra-sensorial.

ARISTOTELES e SANTO THOMAZ afirmaram que nada existe no intelecto que não haja estado nos sentidos. Os filósofos do Materialismo Dialético, insistindo na mesma tese, sustentam que todo conhecimento parte dos órgãos sensórios. Os laboratórios modernos, porém, demonstram, sem sombra de dúvida, que na inteligência existe um mundo de conhecimentos que nunca passaram pelos sentidos.

O grupo RHINE, da Fundação para a Pesquisa sobre a Natureza do Homem, anexo à Universidade de Duke, nos Estados Unidos da America; o grupo VASILIEF, do

Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Leningrado, e uma plêiade de psicólogos espalhados pela Terra, todos fundados em milhares de experiências rigorosas, asseveram que duas são as maneiras de conhecer o Mundo, a sensorial e a extra-sensorial, e que a percepção extra-sensorial transforma totalmente a nossa visão do Universo. Espaço e tempo se esvaem e, em consequência, as leis da matéria, que julgávamos haver descoberto, perdem seu sentido e seu valor. A própria matéria se metamorfosea. A matéria existe, sim, mas não como agora a vemos; existe como energia e pensamento. No Mundo, que a percepção extra-sensorial desvenda diante de nós, as coisas despertam ao frêmito afoito, ao alvissareiro e fêrvido bater d'azas da liberdade ressurrecta.

A liberdade, que fôra derrotada pelas teses do determinismo universal, ressurgue das cinzas, e volta a inspirar as teses dos filósofos.

E, das teses dos filósofos, desce, como era inevitável, para as concepções dos políticos.

Sim, eu creio na liberdade. Creio nela, não apenas porque a sinto borbulhar em mim, mas porque ela se impõe a meu espírito, como uma realidade palpitante. E é com essa crença que eu construo meu sistema político.

Exatamente porque eu creio na liberdade, não suporto nenhum regimem que a negue. Não suporto nenhum regimem em que a vontade do Govêrno não reflita a vontade dos governados. A meu ver, o único regimem compatível com a dignidade humana é aquêlê que assegura a permanente penetração da vontade dos governados nas decisões dos governantes. A êsse regimem é que chamo Democracia.

E aqui é que me coloco, novamente, em opposição ao Comunismo. Na Democracia que desejo, a penetração da vontade dos governados nas decisões dos governantes é *efetiva e constante*. Não vou, agora, explicar os

processos que preconizo, para a realização de um tal regime. O que preciso frizar é que minha oposição ao Comunismo, em matéria política, está em que, no Estado Soviético, a vontade dos governados é a que o *Partido Comunista manifesta*, enquanto que, no Estado descrito em meus livros, a vontade dos governados é a que os *próprios governados manifestam*.

Essa diferença, existente entre o Estado Soviético e meu Estado Democrático, se agiganta, ao se saber que o Partido Comunista, longe de acolher, como às vezes se pensa, tôda a população do país, sòmente admite, em seus quadros super-selecionados, a nova aristocracia dos chamados “homens comunistas”. Na Rússia, sòmente três por cento da população pertencem ao Partido.

Eu creio na Democracia Representativa e abomino o totalitarismo soviético.

Mas não sòmente creio nela. Tudo tenho feito para vê-la implantada.

Para vê-la implantada, escrevi, em 1965, um livro intitulado *A Democracia e o Brasil. Uma doutrina para a Revolução de Março*, e ofereci-o ao Govêrno Revolucionário do Presidente Castelo Branco.

Para vê-la implantada, é que sugeri, em época recente, a elaboração, pelo Instituto dos Advogados de São Paulo, de um projeto de Constituição para o Brasil. Sempre animado do mesmo propósito, é que aceitei o pesado encargo de Coordenador da Comissão de Professôres, que êsse Instituto, acolhendo minha sugestão, designou, especialmente, para redigir um anteprojeto de Constituição, Seja-me permitido lembrar que a Comissão, a que me refiro, ficou formada dos seguintes Professôres: ALFREDO BUZAID, MANOEL GONÇALVES FERREIRA FILHO, OLIVEIROS FERREIRA, JOSÉ PEDRO GALVÃO DE SOUZA e eu próprio. Era Presidente do Instituto, nessa ocasião, nosso inesquecível Professor JOSÉ BARBOSA DE ALMEIDA. A simples relação dêsses nomes revela, imediatamente, a tendência

doutrinária da Comissão. E o anteprojeto por ela apresentado, e que foi remetido aos Poderes competentes, não deixa dúvidas sôbre a orientação espiritual de seus autores.

Para dar mais uma contribuição pessoal, em favor do aperfeiçoamento da Democracia brasileira, publiquei, no jornal *O Estado de S. Paulo*, durante a fase da elaboração de nossa atual Constituição, uma série de longos artigos sôbre a reformulação das instituições políticas de nosso País.

Por amor à Democracia Representativa, foi êsse o regime em que procurei viver nesta Faculdade, durante os meses de minha permanência no expediente da Diretoria.

Relevem-me, Senhores Professôres, o desprimor de minha alusão ao tempo em que exerci as funções de Diretor. Em virtude das circunstâncias em que me encontro, sou obrigado a lembrar que, nêsse tempo, importantes sectores da Universidade estavam em crise. Faculdades haviam sido tomadas por estudantes. Professôres foram desacatados. As greves se alastravam pelas Escolas. Na Faculdade de Direito, porém, graças aos processos democráticos aqui empregados, *durante todo o tempo em que fui Diretor*, não houve sinal da mais leve perturbação da ordem.

Meus detratores, que me caluniam e que me chamam de subversivo, jamais conseguirão escamotear tal realidade.

Foi nessa época, no dia 1.º de Março de 1968, que recebi dos estudantes, representados pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, um ofício-diploma, que conservo, carinhosamente, junto a minha mesa de trabalho.

Conhecendo, como conheço, a história da Academia, bem sei que esta Faculdade só sabe viver em atmosfera democrática. Até as pedras do Páteo se erguem contra os profanadores de nosso Templo. Até as pedras do Páteo se ergueram contra os déspotas que aposentaram, compul-

sòriamente, em 1939, durante a tirania do Estado Novo, “*por conveniência do regime*”, três egrégios professôres desta Casa: ANTÔNIO DE SAMPAIO DÓRIA, WALDEMAR FERREIRA e VICENTE RAO. Até as pedras do Páteo se erguerão, agora e sempre, contra quaisquer insensíveis ou frívolos, que porventura quizerem, em nome de suas “verdades” subjetivas e de seus egoismos momentâneos, perseguir alunos, preterir livre-docentes, ferir catedráticos.

Vossa Excelência, Senhor Diretor, e todos nós em torno de Vossa Excelência — e também, certamente, o Excelentíssimo Senhor Ministro da Justiça, Professor Luís Antônio da Gama e Silva, que sempre foi considerado como um dos mais ilustres e mais queridos mestres desta Casa —, todos nós aqui estamos, como sempre, irmanados sob as velhas Arcadas, para cumprir nosso dever.

A doença de que padece a nossa Academia é uma doença espiritual. O Professor VICENTE MAROTTA RANGEL me disse, há dias, que a Faculdade estava precisando de uma *conversão*.

Sim, de uma *conversão*, mas, também, de *humildade*. Da humildade dos que *pensam* estar convertidos.

Conversão e humildade. Profundo respeito pelo próximo. Compreensão. Disposição de *servir*, mesmo com prejuizo de si próprio. Disposição de *servir* como a de quem se dêa. *Sentir* a Academia. Vibrar com os estudantes. Ser estudante. Sofrer com os estudantes. Alegrar-se com êles. Amá-los. Amá-los mesmo quando estiverem errados. Nunca enganá-los. Nunca humilha-los. Impregnar-se da idéia de que a Faculdade existe *para êles*. Amar os colegas professôres. Irmana-los e iguala-los no coração. Ouvi-los com devotamento. Entendê-los. Participar de seus empreendimentos. Solidarizar-se com êles. Amar os funcionários. Inteirar-se realmente do problema de cada um. Ajudá-los com extrema dedicação. E de todos, dentro e fora da Escola, ser o amigo certo, indefectível incondicional.

E conhecer a Faculdade! Conhecer cada secção, cada serviço. Saber exatamente como funcionam os órgãos do Instituto. Estar em condições de sugerir soluções realistas para os problemas de cada setor.

Encarnar a alma da Academia! Que aspiração, para um Diretor!

Vejo a Faculdade arrastar-se tristemente, mais desiludida do que nunca. Falta-lhe o calor da ordem amada. Uma onda subversiva lhe impôs uma paz de geleira.

O de que ela precisa é ser galvanizada.

Senhor Diretor: Reacenda a Chama Sagrada da Eterna Academia!

Quanto a mim, o que desejo é servir a minha Escola. Dentro destas paredes, leciono há vinte e nove anos. Ha vinte e oito anos que sou Professor de Direito. Tôda a minha vida de homem, passei-a sob as Arcadas. Pela Faculdade, larguei a advocacia, deixei o Parlamento Nacional, renunciei à carreira política.

Minha Escola, minha Casa, minha sábia Academia... Quando penso nela, no silêncio de meu quarto, parece que sonho. Eu a vejo realizada, no pleno emprêgo de tôdas as suas potencialidades.

Vejo-a íntegra, completa e perfeita, na liderança revolucionária do pensamento brasileiro.